

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo  
após o  
dece que tr  
na notad  
al, C  
de 19  
de 19

Drummond  
o modo de  
você um  
há de  
há de

DF  
LETRAS  
ORA  
faz dez anos...

Roberto  
A DA  
STIA

A ousadia  
que deu  
bons frutos

# DF Letras

# A N O S

**Pirajibana  
enfeitiça telegrafista  
de Salinas**

**A crítica e a crítica  
dos "comunicólogos  
de carteira"**



# A obra imortal de

# MACHADO de Assis

*Filho de um pintor e de uma lavadeira, Machado de Assis foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Da infância pobre aos salões da nobreza que veio a frequentar, quando famoso, Machado de Assis é leitura obrigatória de todos aqueles que apreciam a literatura brasileira.*

□ **ROMEU BARBOSA JOBIM**

Dia 20 de julho de 1897, como um de seus fundadores e primeiro presidente, Machado de Assis declarava aberta a sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras.

Joaquim Maria Machado de Assis, filho do mulato pintor de casas e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, nasceu no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e naquela cidade veio a falecer com pouco mais de 69 anos, dizendo o atestado de óbito que este se verificou em 29 de setembro de 1908, na Rua Cosme Velho, 18, e que a *causa mortis* foi arteriosclerose. O casal Francisco/Maria

Leopoldina, agregado à chácara da família de Maria José de Mendonça Barroso, teve também uma filha, cedo falecida, vindo seu pai, que logo enviuvaria, a unir-se à também mulata Maria Inês, que teria ensinado as primeiras letras ao escritor, que a chamava de madrinha.

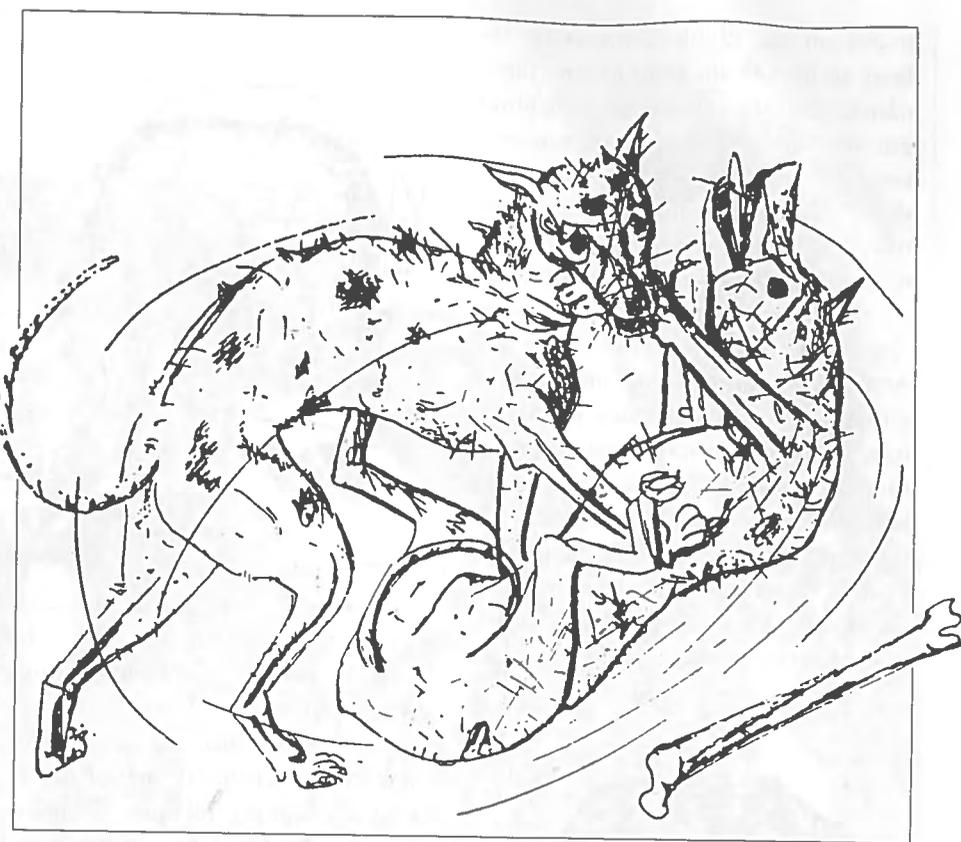
Também o pai do pequeno Joaquim Maria sobreviveu por pouco tempo e Maria Inês empregou-se como cozinheira em um colégio, cabendo ao enteado a venda de balas e outras guloseimas por ela preparadas. Consta que uma das garotas do educandário, dentre as que compravam a doce mercadoria vendida pelo pequeno órfão, se tornou mais tarde a Baronesa de São Mamede, cujos

salões o escritor veio a freqüentar, quando famoso. Sabe-se também que um padeiro de nome Gallot, estabelecido na Rua São Luiz Gonzaga, onde fazia compras para a madrinha, o iniciou no estudo do francês. Sacristão da Igreja da Lampadosa, seu vigário também lhe teria ministrado os primeiros conhecimentos de latim.

Aos 16 anos de idade, em 1855, Machado de Assis publica o poema "Ela", na *Marmota Fluminense*, revista em que colabora até 1861. Quando isso ocorre, começa a freqüentar a livraria de Paula Freitas, de cuja roda literária participavam Caetano Filgueiras, Casimiro de Abreu, Macedo Júnior e outros. Em 1856 entra como aprendiz na Tipografia (hoje Imprensa) Nacional, dirigida pelo romancista Manuel Antônio de Almeida. Ali trabalha até 1858, quando se transfere para a tipografia de Paula Brito, como revisor de provas, função que também exerce no "Correio Mercantil". Está definida a linha de atuação de Machado de Assis, que colabora sucessivamente em diversos jornais e, aos 25 anos, em 1864, estréia em livro, publicando *Crisálidas*.

Em 1867 conhece Carolina Augusta Xavier de Novais, natural do Porto e irmã do poeta português e seu amigo Faustino Xavier de Novais, com ela casando-se em 12/11/1869. A par da atividade literária, exerceu algumas funções públicas, como primeiro-oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas (1873), indo a chefe de seção em 1876 e a oficial de gabinete em 1880. Em 1889 ocupa a Diretoria-Geral do Comércio e, em 1892, é nomeado diretor-geral da Viação, cargo que exerce até 1897. Em 1904 lhe falece a esposa e, quatro anos depois, licencia-se dos encargos públicos, para tratamento de saúde, sendo publicado então seu último livro, o *Memorial de Aires*.

Dizer da obra de Joaquim Maria Machado de Assis não é tarefa de fá-



cil desincumbência, sobretudo no angusto tempo de que disponho. Dele, contudo, a primeira coisa a observar é que foi um extraordinário polígrafo, versando vários gêneros literários, em todos eles com marcante e inconfundível traço pessoal. Assim é que, no plano poético, além de *Crisálidas*, em 1864, como já mencionado, publicou *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais*, esta coletânea acrescentada, em 1901, ao volume *Poesias Completas*. Se nos dois primeiros livros é de registrar o acento romântico, mas vazado em linguagem clássica e de comedido lirismo, no seguinte é de apontar o indianismo, aí sobressaindo poemas como "A Flor do Embiruçu", "Sabina" e "Última Jornada". Em *Ocidentais* contudo é que, no consenso dos críticos, se encontram seus poemas de maior expressão, como "O Desfecho", "Círculo Vicioso", "Uma Criatura", "Mundo Interior", "Suave Mari Magno", "A Mosca Azul", "Spinoza", "No Alto", "Soneto de Natal", "A Carolina" e outros.

Tenho para mim que, se Machado

de Assis não tivesse sido o prosador que foi, sobretudo no trato da crônica, do conto e do romance, só a obra poética que nos legou seria suficiente a consagrá-lo em nossa literatura. Costumo afirmar que, com ele, se verificou o oposto do ocorrido com Carlos Drummond de Andrade. Este, como consabido, foi um grande prosador, e de linha machadiana, mas o fato não é ressaltado, ante a dimensão do poeta.

Dois gêneros, a rigor subgêneros, também versados por Machado de Assis, foram o teatro e a crítica, anotando os comentadores que suas peças, embora bem escritas, como tudo que produziu, se destinam mais à leitura que à representação. Trata-se de algo, contudo, que igualmente resistiu à ação do tempo, valendo mencionar, a este ensejo, a comédia ou drama *Tu, Só Tu, Puro Amor*, cuja finalidade foi comemorar o tricentenário de Camões em 1880, bem como as comédias *Quase Ministro* (1862) e *Lição de Botânica*.

No tocante à crítica, cuida-se de

plano em que granjeou merecido relevo, só não alcançando maior culminância porque sempre se constituiu em atividade secundária, ou circunstancial. Em dois campos, sobretudo, desenvolve-se sua atuação como crítico: o do teatro e o literário propriamente dito. Assim, se no primeiro cumpre ressaltar as apreciações de autores como Antônio José, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves de Magalhães, entre outros, na crítica propriamente literária são de referir os ensaios em torno da literatura brasileira da época (1873), o em que anuncia *O Primo Basílio* de Eça de Queirós (1878), e aquele em que focaliza a nova geração (1879), com segura e aprofundada meditação



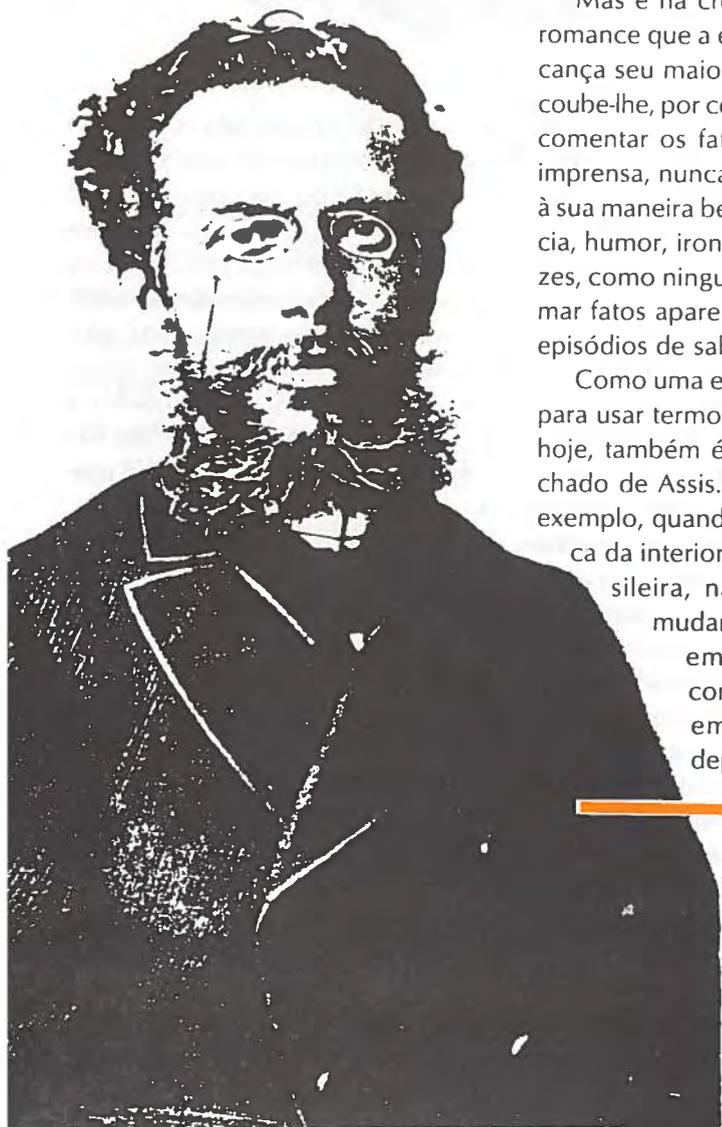
acerca do realismo e do parnasianismo, de que se tornou um dos primeiros teóricos.

Mas é na crônica, no conto e no romance que a estrela machadiana alcança seu maior esplendor. Cronista, coube-lhe, por cerca de quarenta anos, comentar os fatos do cotidiano na imprensa, nunca deixando de o fazer à sua maneira bem típica, com elegância, humor, ironia e ceticismo por vezes, como ninguém sabendo transformar fatos aparentemente miúdos em episódios de saborosa grandeza.

Como uma espécie de futurologia, para usar termo em voga nos dias de hoje, também é de surpreender Machado de Assis. É o que sucede, por exemplo, quando, discreteando acerca da interiorização da capital brasileira, não só se revela um mudancista convicto, e isso em diversas ocasiões, como chega a escrever, em crônica de 1893, depois de discorrer so-

bre a localização e o nome da nova cidade, trechos como (*Obras Completas*, v. 26, p. 217, Jackson, 1953): "A capital da República, uma vez estabelecida, receberá um nome de veras interessante em vez deste que ora temos, mero qualificativo. Não sei se viverei até a inauguração. A vida é tão curta, a morte tão incerta, que a inauguração pode fazer-se sem mim, e, tão certo é o esquecimento, que nem darão pela minha falta." Prossegue: "Mas, se viver, lá irei passar algumas férias, como os de lá virão aqui passar outras." Arrola, em seguida, o que ficará sempre com os cariocas, da relação constando a baía, a esquadra, os arsenais, os teatros e outras entidades que compunham a época.

Noutra crônica mudancista, esta de 1896 (*Idem, ibidem*, v. 28, p. 197), teve ocasião de escrever a propósito de uma futura ponte Rio-Niterói: "Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe, lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e

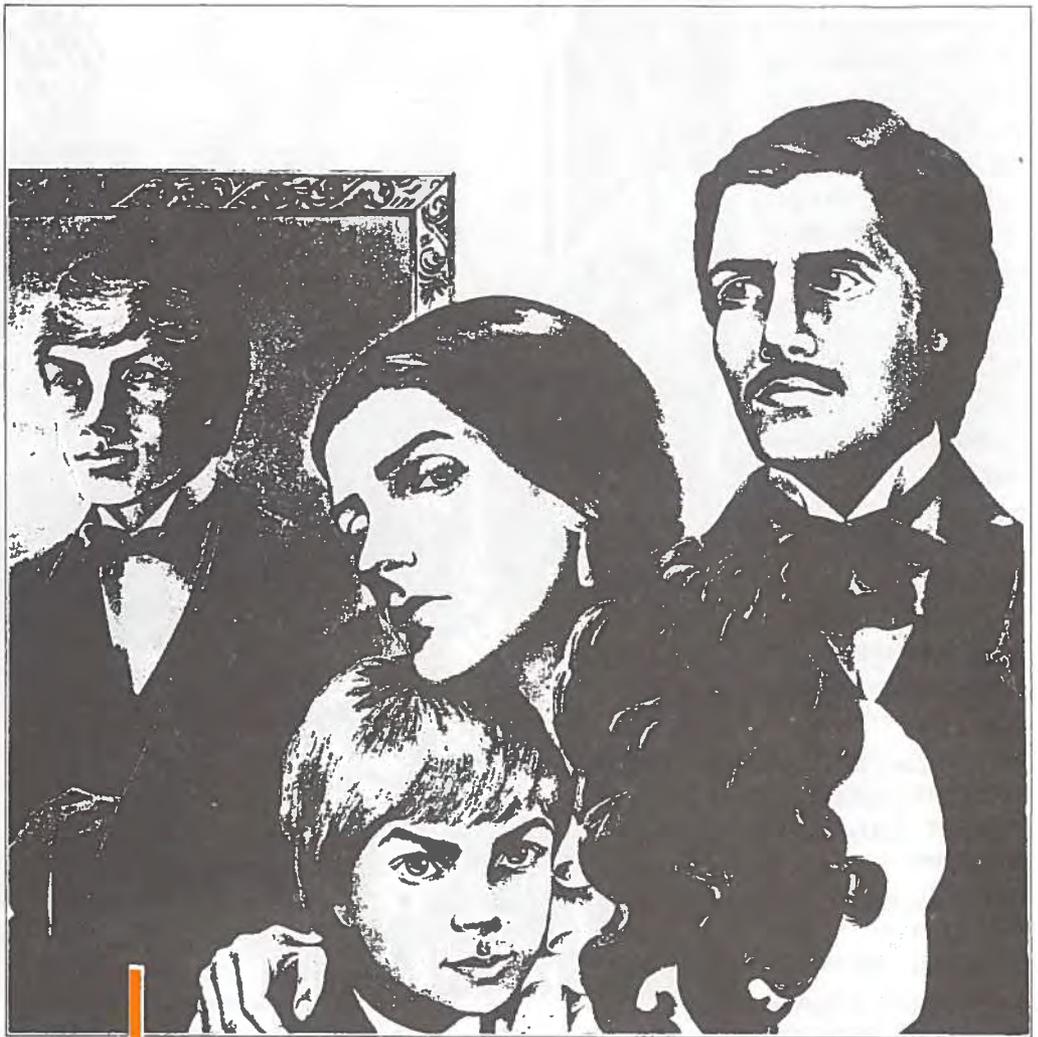


**Machado aos 40 anos. Nessa época, escrevia uma de suas obras-primas: Memórias Póstumas de Brás Cubas**

seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba."

Como contista, os estudiosos assinalam duas fases em Machado de Assis: a romântica, com os livros *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*, e a realista, constante das coletâneas *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias*, *Páginas Recolhidas* e *Relíquias de Casa Velha*. Só quem já se proporcionou o prazer da leitura de uma história do grande mestre pode realmente saber o que isso significa, tais os ingredientes utilizados em seus trabalhos. Embora cada um de nós se reserve o direito de elaborar uma lista daqueles em que atingiu maior grandeza, alguns de seus contos unanimemente consagrados são "Uns Braços", "O Alienista", "Missa do Galo", "A Cartomante", "Noite de Almirante", "Cantiga de Esponsais", "Idéias de Canário", "Um Apólogo", "Teoria do Medalhão", "Último Capítulo" e "Trio em Lá Menor".

No concernente ao romance, também duas fases costumam ser assinaladas: a romântica, com *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), e a realista, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Dizer qual desses livros é o melhor constitui tarefa que ninguém, em sã consciência, há de atribuir-se, inclinando-se os apreciadores da obra do excelso mestre em que guardariam ordem ascensional, à exceção dos dois últimos (*Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*), quando agravados se acha-



**Machado foi um excelente escritor, versando vários gêneros literários, em todos eles com marcante e inconfundível traço pessoal**

vam os males que o afligiam.

Josué Montello, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, publicou, faz pouco, *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, livro que vinha sendo anunciado e que o escritor nos informa ser o resultado de alguns anos de trabalho. Trata-se de pesquisa interessantíssima, feita ao longo da obra do grande polígrafo, toda no sentido de, nela, selecionar o memorialístico, o resultado tendo sido um volume de mais de setecentas páginas. Nesse livro, Josué também nos dá notícia do propósito de Machado: o de escrever suas memórias ele próprio, em conformidade com correspondência a

José Veríssimo, intento que não logrou efetivar.

De observar, na obra machadiana, é que, seja na prosa, seja na poesia, seus traços distintivos sempre se evidenciam, independentemente de se cuidar da primeira fase, tocada por um romantismo comedido, ou da segunda, por um realismo contido. E sinete característico, em ambas, é a acuidade psicológica, o estilo bem próprio, o apuro da linguagem e a arte inigualável de conceber, desenvolver e encerrar suas histórias. No atinente ao romance, ao demais, já é de realçar o uso do chamado tempo psicológico, no que é pioneiro à época, quando predominava, na narrativa, a utilização do simplesmente cronológico, revestindo-se aquela de andamento apenas linear.

Note-se que isso não passou despercebido a Josué Montello, tanto que, no prefácio do livro mencionado, res-

salta a importância da memória na segunda fase da obra machadiana, o que depois iria acontecer com Marcel Proust que, como sabemos, veio a ser a grande figura no uso dessa vertente, em seu famoso *Em Busca do Tempo Perdido*. Conta Montello que, impressionado com a transformação do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o crítico Nestor Victor resolveu interpelá-lo sobre a razão da mudança, dele recebendo esta resposta: "Não sei, mas talvez viesse do seguinte: *Brás Cubas*, em grande parte, não foi escrito, foi ditado à minha mulher. Foi ditado porque eu estava quase cego. Atacaram-me uma moléstia dos olhos, que só depois de muito trabalho se foi."

Na oração de "Adeus a Machado de Assis", em 30 de setembro de 1908, Rui Barbosa, em nome da Academia Brasileira de Letras e naquela linguagem lapidar que o singularizava, enfatizou que não se referia (referindo-se) ao "clássico da língua", ao "mestre da frase", ao "árbitro das letras", ao "filósofo do romance", ao "mágico do conto", ao "joalheiro do verso", ao "exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer", mas ao "que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom". Acrescentou Rui: "A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a



*A rua do Ouvidor era o ponto chic na época de Machado de Assis. As pessoas se reuniam ali, em elegantes cafés e confeitarias, para passarem as tardes*

Leopoldina, lavadeira da roupa dos brancos, chamou-se Joaquim Maria Machado de Assis. Glorificai seu nome! Honrai sua memória!"

Depois de quase um século da morte do grande escritor, verificamos que se encontra cada vez mais vivo, na imortalidade de sua obra. Nesta condição e dimensão, não estava apenas em Brasília, quando esta se inaugurou, contrariamente ao dito na crônica lembrada, mas ainda aqui, no Rio, no Brasil e em todo o mundo,

continua e continuará, graças a quanto escreveu para a maior grandeza do ser humano, mesmo porque, de acordo com verso de sua autoria, inscrito em seu monumento, no jardim da sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio, "esta é a glória que fica, eleva, honra e consola".

Para encerrar este estudo sobre Machado de Assis, reproduzimos alguns de seus poemas. Refiro-me a "A Carolina", "Círculo Vicioso" e "Soneto de Natal", três poemas que enobreceriam qualquer literatura e que tivemos a dádiva de haverem sido compostos por um brasileiro, em língua portuguesa. Trata-se de páginas muito conhecidas, mas nem por isso menos dignas de repetição: como as grandes jóias, têm mesmo é que ser exibidas.

Para encerrar este estudo sobre Machado de Assis, reproduzimos alguns de seus poemas. Refiro-me a "A Carolina", "Círculo Vicioso" e "Soneto de Natal", três poemas que enobreceriam qualquer literatura e que tivemos a dádiva de haverem sido compostos por um brasileiro, em língua portuguesa. Trata-se de páginas muito conhecidas, mas nem por isso menos dignas de repetição: como as grandes jóias, têm mesmo é que ser exibidas.

- Meninos, o filho da Maria

Querida, ao pé do leito  
derradeiro  
Em que descansas des-  
sa longa vida,  
Aqui venho e virei, po-  
bre querida,  
Trazer-te o coração do  
companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto  
verdadeiro  
Que, a despeito de  
toda a humana lida,  
Fez a nossa existência  
apetecida  
E num recanto pôs um  
mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos  
arrancados  
Da terra que nos viu  
passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separa-  
dos.

Que eu, se tenho nos olhos  
malferidos

Pensamentos de vida  
formulados,  
São pensamen-  
tos idos e vividos.

"Círculo Vici-  
oso", talhado  
em versos ale-  
xandrinos:

Bailando no  
ar, gemia inquie-  
to vaga-lume:

"Quem me  
dera que fosse  
aquela loura es-  
trela,

Que arde  
no eterno



**Machado de Assis fotografado  
ao lado de personalidades  
importantes de sua época.  
O primeiro à direita de  
Machado é Joaquim Nabuco**

azul, como uma eterna vela!"  
Mas a estrela, fitando a lua, com  
ciúme:

"Pudesse eu copiar o transparen-  
te lume,  
Que, da grega coluna à gótica ja-  
nela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte  
amada e bela!"

Mas a lua, fitando o sol, com aze-  
dume:

"Mísera! Tivesse eu aquela enorme,  
aquela  
Claridade imortal, que toda a luz  
resume!"

Mas o sol, inclinando a rútila capela:

"Pesa-me esta brilhante auréola de  
nume...

Enfara-me esta azul e desmedida  
umbela...

Por que não nasci eu um simples  
vaga-lume?"

É o seguinte, finalmente, o conhe-  
cido "Soneto de Natal", em versos he-

róicos ou decassilábicos:

Um homem, - era aquela noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno, -  
Ao relembrar os dias de pequeno,  
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e  
ameno

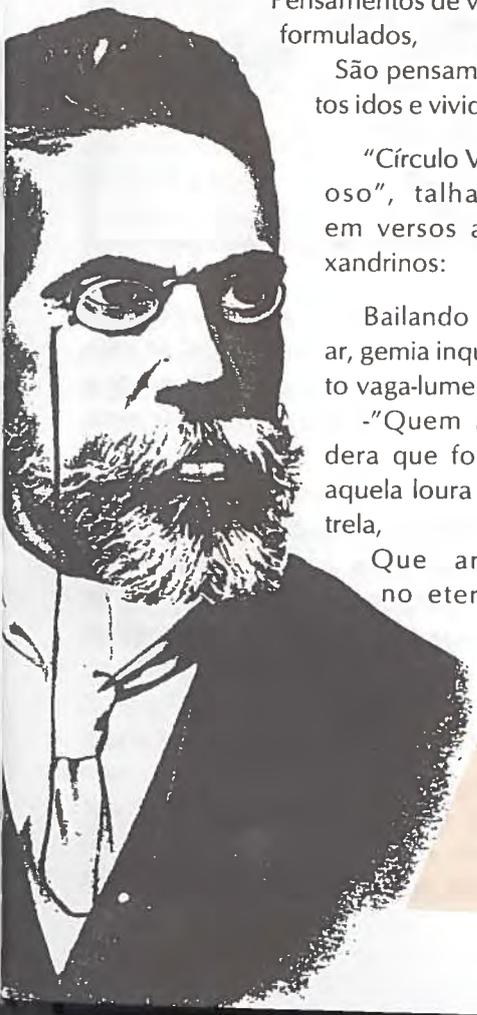
As sensações da sua idade antiga,  
Naquela mesma velha noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa  
e manca,

A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro  
adverso,

Só lhe saiu este pequeno verso:  
-"Mudaria o Natal ou mudei eu?"



**ALGUMAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS**

Crisálidas  
Americanas  
Ressurreição  
A Mão e a Luva

Helena  
Iaiá Garcia  
Memórias Póstumas  
de Brás Cubas

Quincas Borba  
Dom Casmurro  
Esaú e Jacó  
Memorial de Aires